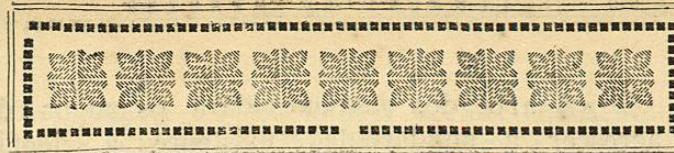


homem. como um pharol phantastico e inatingivel que o arrastasse em sua jornada mysteriosa...

E se algum dia a sciencia conseguir decifrar os enigmas da materia, substituindo todas as illusões pela deusa impassivel da verdade, a civilização poderá attingir a proporções nunca imaginadas, a intelligencia tornar-se ideal e luz, mas o coração humano ficará transformado em um deserto tenebroso, porque com a religião desapareceu a sua ultima esperanza e a vida transmutou-se em uma viagem accelerada para um tumulto.



CAPITULO XXI

A MORAL

NENHUM problema foi mais estudado, nenhum foi mais debatido, nem despertou mais interesse do que a moral que, em sua longa evolução, atravessou todas as phases, tomando os aspectos mais variados, na vasta hierarchia dos conhecimentos humanos.

Ainda hoje, «a moral é a sciencia do bem», «a sciencia dos deveres», «a sciencia dos costumes» ou «é de essencia social», um producto das sociedades, podendo ainda ser concebida, como «um conjuncto de regras, destinadas a manter a pureza dos costumes e reveladas pelo poder supremo aos povos eleitos.»

«Uma questão de solidariedade está no fundo de toda questão moral.» (1)

(1) René Worms.

«A arte dos costumes dará os meios de crescer a solidariedade existente; a sciencia dos costumes indicará precisamente, como ella está estabelecida»

Ella tem sido admittida ainda «como um departamento da philosophia geral, na missão de estudar os valores humanos, em relação ao conhecimento do mundo e á vida em sociedade.»

Estas definições mostram as variações dos conceitos emittidos, sobre a moral, que têm sido encarada, como revelação, arte, sciencia, philosophia, phenomeno social e cujas origens vão ser ás vezes, procuradas, entre os phenomenos os mais diversos.

Uma ligeira observação, sobre as diferentes manifestações da moral, atravez de todas as raças e phases da civilização, consideradas no tempo e no espaço, deixa logo ver a variedade infinita de formas, com que se apresenta, firmando conceitos antagonicos, muitas vezes incoherentes e absurdos.

Vê-se pois, que o estudo da moral é complicadissimo, pela subtilidade, com que se apresenta, pela complexidade excessiva do phenomeno e pelo numero prodigioso de opiniões e de doutrinas que reclamam, para si, o direito de clarear a verdade.

Neste rapido esboço, eu não estudarei a moral, como phenomeno religioso, isto é, como uma parte da religião «unida aos dogmas e aos ritos e ensinada pelo sacerdote» (1) nem, como uma revelação divina ou mesmo uma arte ou uma sciencia, aqui, neste modesto e despretenhoso trabalho, a moral será encarada, unicamente, como um phenomeno social.

(1) René Worms

«Assim, a Sociologia será competente e unica competente para determinar o conteudo da lei moral e a regra dos costumes. (2)»

A moral apresenta-se então, como o mais complexo dos phenomenos sociaes, cuja manifestação *transcedente* é capaz de provocar, nos proprios sabios, as interpretações mais variadas e antagonicas.

Um phenomeno muito interessante, no estudo da moral e que não deve ser esquecido, é a forma, como ella illude a consciencia do observador, apparecendo, como uma miragem, no proprio deserto, isto é, apresentando-se, com uma clareza, com uma nitidez assombrosa, com uma simplicidade encantadora, impondo-se ás intelligencias mais primitivas e ingenuas.

E, no entanto, a moral é na realidade o phenomeno mais complexo da natureza, actuando de modo a illudir as intelligencias mais penetrantes, modificado e modificando os outros factos sociaes, em uma interdependencia prodigiosa, envolta sempre pelas diversas manifestações da vida collectiva e da propria imaginação humana.

A. Bochart, em uma de suas paginas, de criteriosa observação scientifica, affirma, com verdadeira imparcialidade, o seguinte:

«A vida moral de uma sociedade deriva, de suas tradições, de seus costumes, de suas crenças, de seus mythos e de suas lendas e, por conseguinte, de sua religião.

Na origem das sociedades, a religião liga os seres humanos, numa concepção *commum*, e regula as relações dos homens entre si.

(2) Paul de Bureau.

Para conhecer a moral de um povo é preciso, pois, estudal-o, em todas as manifestações de sua vida social.

Nas sociedades primitivas, pode-se ter juizes moraes, porem elles tem profundamente o respeito do passado; as regras de acção se reduzem aos habitos phisicos, regulados pelo prestigio dos mythos que symbolizam os deuses.

O sentimento, que domina todos os outros, é o sentimento conservador da moral, a idéa do progresso não existe e o nusoneismo reina, nas idéas como nos actos.

Assim a moral primitiva é social e, como está ligada aos costumes, segue o destino do grupo, complica-se com suas transformações sociais e é, muitas vezes, dominada nos povos primitivos, pelas crenças religiosas.

A reciprocidade social que resulta não é ainda consciente e a solidariedade é de alguma sorte mechanica.

Para a moral, como para a arte, a pratica precedeu a theoria e existiu uma moral instinctiva, muito antes das moraes philosophicas.

Esta moral primitiva resulta dos usos que differem não somente, segundo as crenças religiosas, porem ainda, segundo os grupos sociais.

A moral differe tambem, como mostramos, no capitulo anterior, segundo os diversos conceitos do trabalho que são implantados, nas sociedades, e as normas ethicas particulares a cada civilização são a consequencia do maior ou menor desenvolvimento da divisão do trabalho social que provoca a separação das castas e das classes.»

Este mesmo autor affirma que, nas sociedades de povos selvagens, encontra-se ja uma certa consciencia moral, relativamente á solidariedade existente, entre os individuos que defendem a unidade do grupo.

Mas, esta consciencia moral é muito rudimentar, começando, principalmente, no que se refere ao roubo que é considerado um crime grave, nas collectividades primitivas.

O sentimento de propriedade vem assim apparecendo, justificando o dominio pessoal dos utensilios, mulheres, escravos e armas que os homens mantêm nas primeiras phases de sua evolução.

O servilismo attinge proporções illimitadas, verdadeiramente inacreditaveis, do qual ninguem escapa, nem mesmo aquelles que fazem parte das classes nobres.

Contam os autores que os nobres se prostam diante do rei, cahidos no solo, não sendo permittido, nem ao menos, elevar a vista para elle ou falar da morte em sua presença, o que seria um crime imperdoavel.

A moral genesisica é rudimentar e descuidada, entre os povos inferiores, onde são observadas verdadeiras scenas de deboche.

Este facto é devido á concepção que possui o homem primitivo, sobre o phenomeno genesisico, principalmente, nas exigencias de sua natureza phisica e que se afasta, por completo, do conceito christão que é basico na civilização moderna, que é uma civilização universal e, por isto mesmo, adaptada ás exigencias de uma vida social muito intensa.

A noção da verdade, justiça, bondade, quando começa a apparecer determinada, pelos diferentes factores da evolução, é muito vaga e

a idéa de justiça nasceu, segundo alguns sociólogos, da necessidade de dividir as terras, isto é, influenciada pelo factor economico.

A moral, entre os povos selvagens, é de uma grosseria que espanta e repugna ao homem civilizado e de sentimentos mais elvados e nobres.

Não existe, no idioma de uma das tribus, que habitam a península do Lavrador, uma palavra, uma expressão qualquer que possa traduzir o verbo amar, o que significa a ausencia completa do sentimento que aquelle vocabulo representa.

A idéa de crime, de justiça, de erro e culpa não se traduz, nas linguas australianas, segundo Letourneau, existindo, portanto, difficuldade em fazer comprehender, aos seus habitantes primitivos, estes conceitos moraes.

A atrocidade, a crueldade, a violencia dominam, completamente, a alma rude do selvagem e o desrespeito á vida humana attinge, em alguns logares, proporções verdadeiramente assombrosas.

O cannibalismo apresenta-se, ás vezes, com uma ferocidade repugnante e Letourneau classificou-o, distinguindo o cannibalismo, por necessidade, o cannibalismo por gulodice, pelo furor guerreiro, por vingança, cannibalismo religioso, por piedade filial e, finalmente, o cannibalismo que elle denominou juridico.

Algumas tribus engordam os prisioneiros, afim de melhor saboreal-os e, em certos logares, onde a alimentação de origem animal é rara, a carne humana é procurada, como um meio de supprir esta falta.

«O desejo de comer carne humana é, se-

gundo Letourneau, causa de guerra frequente entre varias tribus.»

Algumas tribus, levados pelo furor guerreiro, despedaçam, no campo de batalha, os inimigos cahidos, muitas vezes ainda vivos.

E' curioso observar-se, citado mesmo por Letourneau, dois casos typicos de cannibalismo que elle demonstra serem praticados, em virtude do sentimento religioso e da piedade filial.

«Os Battas de Sumatra, affirma o referido autor, que formam uma nação numerosa, agricola, policiada, tendo um systema regular de leis e de governo, um alphabeto, uma litteratura, comiam piedosamente e ceremoniosamente seus velhos parentes, tendo o cuidado de escolher para isto uma estação onde os limões fossem abundantes e o sal fosse barato.

No dia marcado, o velho, destinado a ser comido, subia, sobre uma arvore, ao pé da qual se agrupavam os parentes e os amigos.

Estes feriam o tronco da arvore, em cadencia e cantando um hymno funebre, cujo sentido geral era: *Eis a estação chegada.*

O fructo está maduro; que elle caia.

Depois, o velho descia, seus parentes mais proximos o matavam e os assistentes o comiam.

Os Battas praticam tambem a forma mais elevada de anthropophagia: a anthropophagia juridica.

Entre elles, a adúltera, o ladrão nocturno, aquelles que tinham atraçoadamente atacado uma cidade, uma aldeia, um particular, eram condemnados a ser comidos pelo povo.

Atavam-n'os sobre tres postes, as pernas e os braços afastados em cruz de Sto. André e, a um signal daço, toda assistencia se arremes-

sava, sobre elles e os despedaçava com machados, facas ou simplesmente com as unhas e os dentes.

Os pedaços arrancados eram comidos, immediatamente, crus e sangrando; passavam unicamente em uma mistura preparada de antemão com noz de côco e composto de succo de limão, sal, etc.

No caso de adulterio, o marido ultrajado tinha o direito de escolher a seu gosto o primeiro pedaço.

Os convidados executores apresentavam um tal ardor em seu trabalho que, muitas vezes, se feriam uns com os outros; sendo esta a forma mais elevada do cannibalismo, a anthropophagia juridica que não poderia todavia se exercer, sem despertar os instinctos selvagens do qual ella é o traço derradeiro.»

Algumas tribus apreciam muito a carne das crianças e das mulheres, dando-lhe preferencia, como a um manjar delicioso.

A situação da mulher é terrivel, nas raças selvagens, sobre ella pezam os trabalhos mais rudes e é sempre victima da grosseria e da crueldade primitivas.

O apparecimento da escravidão representa um certo progresso social; os prisioneiros já não são mortos e comidos, mas reduzidos a um trabalho forçado, tornando-se assim uteis á collectividade.

Entretanto, eu lembro, ainda uma vez, que algumas excepções apparecem, de povos verdadeiramente selvagens e que apresentam uma moral que possui certos conceitos elevados, excepções estas trazidas, pelos autores anti-evolucionistas ou que aceitam o dogma da reve-

lação, como provas contrarias ás theorias dominantes em Sociologia.

Verificando assim o phenomeno moral, entre os povos selvagens, continuarei, com ligeiras referencias, sobre a manifestação do mesmo phenomeno nas sociedades de civilização mais ou menos adiantada, pois seria impossivel entrar em maiores detalhes, em um trabalho desta natureza.

Os Aztecas, que possuíam uma sociedade vasta e severamente disciplinada, apresentavam costumes de uma crueldade tenebrosa e praticavam ainda a anthropophagia, que affectava uma forma religiosa.

Os prisioneiros eram engordados e comidos, de accordo com os ritos religiosos, competindo ao sacerdote abrir o peito da victima e retirar o coração que era offerecido aos deuses.

Entretanto, o principio da solidariedade humana, começava a se desenvolver, pelo menos dentro do grupo, pois uma parte dos impostos recebidos era destinada a amparar os abandonados, os pobres e os enfermos.

O povo azteca devia prestar ao seu rei uma obediencia e uma solidariedade absoluta, razão por que a traição ao soberano era considerada, como um crime monstruoso, punido com horrivel supplicio, o que caracterizava a sua moral barbara que justificava a guerra com o fim de offerecer, em holocausto, sacrificios humanos aos seus deuses ferozes.

Os antigos Peruanos estavam muito mais avançados, no ponto de vista moral e possuíam um governo theocratico, o que justificava considerar as blasphemias, dirigidas contra o sol e os Incas, como o mais monstruoso dos crimes.

Elles possuíam alguns conceitos, verdadeiramente superiores, a moral domestica era severa, e a existencia da pena de morte não impedia o governo de ser humanitario, apesar do seu absolutismo.

A assistencia mutua era obrigatoria, assim como o trabalho, existindo um espirito de justiça muito pronunciado que arrastava sempre os dirigentes a regularizarem a conducta dos individuos, proverem as suas necessidades e propagarem a religião.

Os preguiçosos eram severamente castigados o que deixa antever que elles possuíam uma visão clara dos deveres do individuo, para com a collectividade, existindo, nestas condições, uma verdadeira dignificação do trabalho.

Faziam a guerra sempre com o fim de conseguirem proselytos e isto, quando nada conseguiam pela persuasão.

Não guerreavam com trahição, prevenindo nobremente seus ataques, e os proprios deuses vencidos eram tratados com dignidade.

Tinham, portanto, os antigos habitantes do Imperio dos Incas, sentimentos de humanidade e uma idéa, mais ou menos desenvolvida, da solidariedade humana.

O antigo Egypto tinha um governo e um regimen de castas, excessivamente rigido, possuindo leis severissimas e crueis que mantinham os costumes, sendo que o roubo, a fabricação de moedas falsas, o adulterio e o homicidio eram punidos rigorosamente.

A amputação das mãos, do nariz, etc. estava em uso no antigo Egypto, o que demonstrava uma mentalidade ainda barbara, relativamente ao conceito que faziam do crime e dos meios de repressão.

A moral bhramanica admite as castas e despreza o trabalho, mas um dos seus característicos é a benevolencia e esta condemnação do trabalho veio talvez das leis de Manu.

«A moral que se deprehe de do Vedismo, grande religião social, affirma A. Bochard, tornou-se superior a quasi todas aquellas a que deu nascimento, por seu character largamente naturalista, seu ideal de bondade e pelas investigações philosophicas que favoreceu.

Para o crente hindú, a criação não é o resultado de um capricho do Ser Supremo, como affirmavam os mythos de muitas religiões primitivas, mas de um acto de seu amor.

O Vedismo tem por base o Pantheismo e todos os phenomenos, todos os seres se absorvem no grande Todo, Bhrama, o Ser universal.

A moral do Mazdeismo, doutrina de Zoroastro, em lugar de desprezar o trabalho, o eleva, tornando-o, portanto, mais nobre, mais humano e espiritualizado.

A moral de Confucios, que existiu cinco ou seis seculos antes de Christo, é de uma superioridade reconhecida, aconselhando o altruismo e os sentimentos de humanidade, como norma de conducta para os homens.

As suas quatro grandes virtudes são: a justiça, a benevolencia, a humanidade e o conhecimento dos homens.

A moral dos Assyrios e Babylonios e a dos Phenicios e Carthaginezes apresentavam-se inferiores ás formas, ultimamente descriptas e offereciam um mixto de crueldade e sensualidade.

A moral dos antigos Gaulezes mostra uma certa pureza de costumes, no que se refere ás mulheres, mas os seus deveres eram muito crueis.